

PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO 1

HISTÓRIA

12/01/2014

PROVAS	QUESTÕES
LÍNGUA PORTUGUESA	01 a 10
CONHECIMENTOS GERAIS SOBRE EDUCAÇÃO	11 a 20
CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS	21 a 50
REDAÇÃO	—

SÓ ABRA ESTE CADERNO QUANDO FOR AUTORIZADO

LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES

1. Quando for permitido abrir o caderno, verifique se ele está completo ou se apresenta imperfeições gráficas que possam gerar dúvidas. Em seguida, verifique se ele contém 50 questões e a Redação.
2. Cada questão apresenta quatro alternativas de resposta, das quais apenas uma é a correta. Preencha, no cartão-resposta, a letra correspondente à resposta julgada correta.
3. O cartão-resposta é personalizado e não será substituído em caso de erro durante o seu preenchimento. Ao recebê-lo, verifique se seus dados estão impressos corretamente; se for constatado algum erro, notifique ao aplicador de prova.
4. As provas terão a duração de **cinco horas**, já incluídas nesse tempo a marcação do cartão-resposta, a transcrição da folha de resposta e a coleta da impressão digital.
5. Você só poderá retirar-se do prédio após terem decorridas **duas horas de prova**. O caderno de questões só poderá ser levado depois de decorridas **três horas e trinta minutos** de prova.
6. **AO TERMINAR, DEVOLVA O CARTÃO-RESPOSTA E A FOLHA DE RESPOSTA AO APLICADOR DE PROVA.**

Leia o Texto 1 para responder às questões **01** e **02**.

Texto 1

Lenda da lara

A lara é uma lenda do folclore brasileiro. Ela é uma linda sereia que vive no rio Amazonas, sua pele é morena, possui cabelos longos, negros e olhos castanhos. A lara costuma tomar banho nos rios e cantar uma melodia irresistível. Desta forma, os homens que a veem não conseguem resistir aos seus desejos e pulam dentro do rio. Ela tem o poder de cegar quem a admira e levar para o fundo do rio qualquer homem com quem ela desejar se casar. Os índios acreditam tanto no poder da lara que evitam passar perto dos lagos ao entardecer.

Segundo a lenda, lara era uma índia guerreira, que recebia muitos elogios do seu pai que era pajé. Os irmãos de lara tinham muita inveja dela e resolveram matá-la à noite enquanto ela dormia. Lara, que possuía um ouvido bastante aguçado, escutou o que eles tramavam e os matou. Com medo da reação de seu pai, lara fugiu. Seu pai, o pajé, realizou uma busca implacável e conseguiu encontrá-la. Como punição pelas mortes de seus irmãos a jogou no encontro entre os rios Negro e Solimões. Alguns peixes levaram a moça até a superfície e a transformaram em uma linda sereia.

Disponível em: <<http://lenda-e-lendas.blogspot.com.br/2012/08/lenda-da-lara.html>>. Acesso em: 30 out. 2013.

— QUESTÃO 01 —

A regra cultural expressa pela narrativa é sintetizada no provérbio

- (A) “Olho por olho, dente por dente”.
- (B) “Devagar se vai ao longe”.
- (C) “Quem tem boca vai a Roma”.
- (D) “Casa de ferreiro, espeto de pau”.

— QUESTÃO 02 —

Do parágrafo 1 para o parágrafo 2, há uma mudança no tempo verbal justificada pela

- (A) caracterização da protagonista.
- (B) retomada do relato suspenso.
- (C) evocação de lembranças passadas.
- (D) contextualização histórica dos fatos.

Leia o Texto 2 para responder às questões **03** e **04**.

Texto 2

Corcunda, caolho, manco

— Por que você me salvou?

Ele a observou com ansiedade, tentando adivinhar o que ela dizia. Ela repetiu a pergunta, mas ele lançou-lhe um olhar profundamente triste e fugiu, deixando-a atônita. Após alguns momentos, o corcunda retornou, trazendo um pacote que atirou a seus pés. Eram roupas que mulheres caridosas haviam deixado nos degraus da igreja. Ela pôs rapidamente um vestido e um xale brancos: um hábito de noviça da Casa de Misericórdia. Mal acabara de se vestir, Quasímodo retornou, carregando um colchão sob um braço e um cesto sob o outro, onde havia uma garrafa, um pedaço de pão e alguns alimentos.

— Coma — ele disse, completando, ao estender o colchão pelo chão.

— Durma.

Era sua própria refeição e sua própria cama. A cigana levantou os olhos em sua direção para agradecer-lhe, mas não disse uma palavra: o pobre homem era realmente horrível. Então, ela abaixou a cabeça, tremendo de pavor.

HUGO, Victor. *O corcunda de Notre-Dame*. Capítulo 11. Disponível em: <<http://www.miniweb.com.br/Literatura>>. Acesso em: 28 out. 2013.

— QUESTÃO 03 —

Os referentes dos pronomes “Ele”, “ela”, “o”, “a”, nas três primeiras linhas do texto, somente são identificados nos enunciados seguintes, constituindo

- (A) uma estratégia persuasiva elocutiva.
- (B) um mecanismo de textualidade remissiva.
- (C) um desenvolvimento temático gradativo.
- (D) uma progressão textual catafórica.

— QUESTÃO 04 —

No desfecho do fragmento citado, está evidenciado que o corcunda entregou à cigana todo o pouco que tinha na vida. Apesar disso, a avaliação final é que “o pobre homem era realmente horrível”, representando o conflito entre

- (A) o divino e o diabólico.
- (B) o infantil e o adulto.
- (C) o ser material e o ser imaterial.
- (D) o belo feminino e o rude masculino.

— QUESTÃO 05 —**Texto 3**

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adoptar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

MACHADO DE ASSIS. Joaquim Maria. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Capítulo 1, p. 2. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/pdf>>. Acesso em: 28 out. 2013.

O autor do fragmento justifica sua decisão de começar a narrativa pelo fim da história, usando como estratégia de convencimento, principalmente,

- (A) o efeito de humor dos enunciados.
- (B) o jogo com a disposição dos termos nas orações.
- (C) a comparação com outro escritor.
- (D) a intertextualidade com o discurso religioso.

Leia o Texto 4 para responder às questões 06 e 07.

Texto 4**O monstro embaixo da cama**

Duvidei dos seus poderes e da sua existência, estendi a mão trêmula e sentenciei:

– Se existe mesmo, pegará minha mão.

Senti o calor e o toque mais quente que alguém com seis anos é capaz de imaginar.

MELLO, Ana. Disponível em: <www.miniconto.com.br>. Acesso em: 5 nov. 2013.

— QUESTÃO 06 —

O texto é um miniconto. Uma característica discursivo-estrutural relevante para cumprir os propósitos desse gênero é:

- (A) a predominância de itens lexicais, com alta carga semântica, o que favorece mais conteúdo em menos material linguístico.
- (B) a recorrência de pronomes possessivos para indicar os referentes protagonistas da minitrama.
- (C) o uso de discurso direto como recurso para atribuir voz ao narrador, que é portador de onisciência.
- (D) o uso do pretérito perfeito, com o objetivo de relatar as ações passadas, o que indica um momento anterior à enunciação.

— QUESTÃO 07 —

O grupo de palavras que concorre diretamente para a construção do mundo de possibilidades no qual os fatos são construídos no texto “O monstro embaixo da cama” é:

- (A) poderes, minha, mão.
- (B) duvidei, se, é capaz, imaginar.
- (C) calor, alguém, seis, anos.
- (D) cama, toque, monstro.

— QUESTÃO 08 —

Disponível em: <www.cine10.com.br>. Acesso em: 3 nov. 2013.

Além da significação mais básica da palavra “monstro”, as informações verbais e não verbais do cartaz relacionam essa palavra

- (A) às ações reconhecidamente desumanas.
- (B) às pessoas controladoras.
- (C) à alta capacidade intelectual.
- (D) à grave deformação física.

Leia o Texto 6 para responder às questões 09 e 10.

Texto 6**Por uma vida menos plástica?**

Desde os anos 1970, as sacolinhas cumprem duas funções essenciais na rotina dos brasileiros. Servem para carregar as compras do supermercado e embalar o lixo doméstico. O problema, alertam os ambientalistas, surge na hora do descarte do produto. Essas mesmas sacolas plásticas, por descuido ou desleixo, entopem bueiros, causando alagamentos nas cidades. Seu longo ciclo de vida (demoram mais de 100 anos para se degradarem) faz ainda com que abarroteem aterros sanitários, onde correspondem a até 10% do lixo. Carregadas para rios e mares, as sacolinhas poluem o ecossistema e matam por asfixia ou indigestão animais marinhos, como peixes, aves e tartarugas. O fato é que a natureza simplesmente não conseguiu, até agora, encontrar um meio de digerir com eficiência esses "monstros" de polietileno. A solução, então, seria a sociedade livrar-se deste incômodo. Mas como? Algumas prefeituras e governos de Estados brasileiros tentaram criar leis que proibissem o fornecimento de sacolinhas em supermercados. Representantes da indústria de plástico recorreram à Justiça, que, por sua vez, considerou os projetos de lei inconstitucionais.

Disponível em: <www.educacao.uol.com.br>. Acesso em: 4 nov. 2013.

— QUESTÃO 09 —

Segundo o projeto argumentativo do texto, que fatos levam as sacolinhas a serem chamadas de "monstros de polietileno"?

- (A) A capacidade de carregar itens pesados e de armazenar lixo doméstico.
- (B) A dificuldade de descarte e serem altamente poluentes.
- (C) A inconstitucionalidade das leis ambientais e a insistência do seu uso pela sociedade.
- (D) A impossibilidade de substituição das sacolas e a falta de cumprimento das leis.

— QUESTÃO 10 —

A macroestrutura do projeto argumentativo do texto sobre o uso das sacolinhas plásticas é resumida por:

- (A) benefícios – malefícios – solução radical.
- (B) causa – consequência – retorno às causas.
- (C) enumeração – adição – associação.
- (D) fatos – suposição – desdobramentos das suposições.

— RASCUNHO —

— QUESTÃO 11 —

Leia o texto a seguir.

Praticamente consenso nos documentos e pesquisas estudados é a dificuldade de se atrair bons estudantes para a docência com o pagamento de baixos salários e carreiras com poucas possibilidades de progressão [...] autores têm ressaltado que melhores salários poderiam atrair profissionais com melhor qualificação para a profissão docente.

BARBOSA, Andreza. As implicações dos baixos salários para o trabalho docente no Brasil. *Anais da 35ª ANPED*, GT 05, 2012. (Adaptado).

A respeito da realidade docente brasileira compreende-se que

- (A) baixos salários têm contribuído para o desinteresse dos estudantes na carreira docente.
- (B) salários altos garantiriam qualificação de excelência para a profissão docente.
- (C) professores bem remunerados são garantia de que os cursos de licenciatura seriam os mais procurados pelos estudantes.
- (D) pesquisas e documentos carecem de consenso quanto à relação entre o salário docente e a baixa procura pela profissão.

— QUESTÃO 12 —

De acordo com a Lei n. 9.394/1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a educação básica, obrigatória e gratuita, inclui o

- (A) ensino informal.
- (B) ensino profissionalizante.
- (C) ensino fundamental.
- (D) ensino superior.

— QUESTÃO 13 —

De acordo com o Artigo 1º da LDB, “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” Tal documento disciplina a

- (A) educação que se desenvolve em todos os ambientes educativos.
- (B) educação escolar, que se desenvolve em instituições próprias.
- (C) educação formal e informal, que se desenvolvem em diferentes instituições.
- (D) educação técnica e profissional, que se desenvolvem nas escolas.

— QUESTÃO 14 —

No tocante à organização da educação básica brasileira descrita pela Lei de Diretrizes e Bases, cabe aos estados e municípios, respectivamente, assegurar

- (A) o ensino profissionalizante e oferecer, com prioridade, a educação formal; oferecer o ensino superior.
- (B) o ensino técnico e tecnológico; oferecer com prioridade a educação informal.
- (C) a oferta da educação básica; oferecer o ensino compensatório.
- (D) o ensino fundamental e, com prioridade, o ensino médio; a educação infantil e, com prioridade, o ensino fundamental.

— QUESTÃO 15 —

Leia o texto a seguir.

Compreender e realizar a educação, entendida como um direito individual humano e coletivo, implica considerar o seu poder de habilitar para o exercício de outros direitos, isto é, para potencializar o ser humano como cidadão pleno, de tal modo que este se torne apto para viver e conviver em determinado ambiente, em sua dimensão planetária. A educação é, pois, processo e prática que se concretizam nas relações sociais que transcendem o espaço e o tempo escolares, tendo em vista os diferentes sujeitos que a demandam.

CNE/CEB nº 7/2010. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica.

De acordo com o excerto, o direito à educação deve ser analisado

- (A) isoladamente, considerando que o processo educativo tem um tempo e lugar específicos.
- (B) com base nas relações sociais que se estabelecem no espaço da escola.
- (C) dentro de um conjunto de práticas e direitos que culminam em um processo de inclusão social.
- (D) como decorrência de um processo histórico de lutas dos movimentos sociais.

— QUESTÃO 16 —

De acordo com Paulo Freire (2000), o preparo científico do professor deve coincidir com sua retidão ética. Isso significa que

- (A) a formação científica e a postura ética são exigências à prática docente.
- (B) a formação científica do professor é o elemento fundante para a sua atuação.
- (C) a formação científica e a postura ética seguem princípios antagônicos na formação para a docência.
- (D) a formação científica refere-se aos conhecimentos didáticos da relação professor-aluno.

— QUESTÃO 17 —

Leia o trecho a seguir.

Se, na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o *formador* é o sujeito em relação a quem me considero o *objeto*, que ele é o sujeito que *me forma* e eu, o *objeto* por ele *formado*, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos-conteúdos-acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

No excerto, Paulo Freire refere-se a um modelo de educação do tipo

- (A) tradicional.
- (B) transmissiva.
- (C) bancária.
- (D) libertadora.

— QUESTÃO 18 —

Em geral, os saberes da docência dividem-se entre os conhecimentos específicos das diversas áreas de conhecimento e os saberes pedagógicos. Para Franco (2008), os saberes pedagógicos se fundamentam

- (A) nas práticas sociais historicamente construídas.
- (B) nos objetivos das teorias técnico-científicas.
- (C) nas diretrizes da racionalidade técnica.
- (D) nos princípios da administração gerencial.

— QUESTÃO 19 —

A avaliação da aprendizagem escolar pode ser realizada em várias dimensões, de acordo com os objetivos definidos pelo professor. No caso de uma avaliação formativa, o objetivo é:

- (A) classificar os estudantes de acordo com seu rendimento escolar, atribuindo-lhes uma nota eliminatória.
- (B) identificar as dificuldades que os alunos estão enfrentando na aprendizagem para, com base em informações, organizar novas formas de ensinar.
- (C) selecionar os alunos que são capazes de demonstrar domínio dos conhecimentos, atitudes e habilidades apresentados pelo professor.
- (D) oferecer elementos para a organização do sistema de ensino por meio da promoção ou retenção dos estudantes.

— QUESTÃO 20 —

De acordo com as Diretrizes Curriculares para a Educação Básica, o currículo é “constituído pelas experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, permeadas pelas relações sociais, buscando articular vivências e saberes dos alunos com os conhecimentos historicamente acumulados e contribuindo para construir as identidades dos estudantes”. Esta regulamentação também prevê que os currículos devem se organizar em duas partes, sendo uma *base nacional*, comum a todo o país, e uma *parte diversificada*, a ser definida pelos

- (A) secretários municipais e gestores escolares.
- (B) governos estaduais e municipais.
- (C) conselhos escolares e gestores escolares.
- (D) sistemas de ensino e pelas escolas.

— RASCUNHO —

— QUESTÃO 21 —

Leia o texto a seguir.

A busca por tornar a História uma atividade científica passou pela recusa de sua aproximação com a literatura, pela separação entre o fato e a ficção, a imaginação, a poética. Tanto a escola metódica, como a historiografia romântica, não deixaram de refletir sobre a escrita histórica, mas o fizeram para afirmar agora o seu caráter realista.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. A dimensão retórica da historiografia. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tânia Regina de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 231. (Adaptado).

Segundo o texto, a escrita da História é tema recorrente para os historiadores. No entanto, essa reflexão se expressa distintamente para cada escola histórica. Para a escola metódica, por exemplo, a escrita histórica dependia da

- (A) prova, considerando o documento como a expressão neutra da verdade.
- (B) historiografia, considerando o conhecimento histórico acumulado sobre o passado.
- (C) argumentação, considerando o tipo de discurso produzido pela fonte.
- (D) temporalidade, considerando a relevância do presente para o conhecimento do passado.

— QUESTÃO 22 —

Leia o texto a seguir.

A minha curiosidade foi despertada pela palavra “estranho” e outras expressões semelhantes. Aproximei-me e vi, como se fora gravado em baixo-relevo, sobre a superfície branca, a figura de um gato gigantesco. A imagem estava desenhada com precisão realmente espantosa. Era um gato preto, um gato enorme, tão grande como Plutão e semelhante a ele em todos os aspectos, menos em um. Plutão não tinha sequer um único pelo branco no corpo, enquanto esse gato tinha uma mancha branca, que lhe cobria toda a região do peito.

POE, Edgar Allan. *O gato preto*. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/soft-livre-edu/vaniacarraro/files/2013/04/o_gato_preto-allan_poe.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2013.

Escritos em fins do século XIX, os contos de Edgar Allan Poe, assim como os de Arthur Conan Doyle, tornaram-se a expressão da emergência e efetivação de um paradigma indiciário. Com base no texto apresentado, conclui-se que, para esse paradigma, relevante às Ciências Humanas, é fundamental

- (A) a observação de detalhes, que conduz à singularidade e descortina a particularidade do fenômeno analisado.
- (B) a orientação quantitativa, que permite mensurar o conhecimento e avaliá-lo por meio da hierarquização.
- (C) a adoção do método experimental, que considera a classificação dos resultados advindos de provas confiáveis.
- (D) a normatização de leis gerais, que estabelece o conhecimento de um fenômeno por meio da abstração matemática e filosófica.

— QUESTÃO 23 —

Para a reflexão sobre a escrita da História, fato e documento são conceitos indispensáveis. A decomposição de um fato histórico na narrativa depende do documento histórico, que traduz uma

- (A) verdade autossuficiente, reveladora do cotidiano das comunidades que deixaram uma cultura material.
- (B) escolha pessoal do historiador, independente das relações travadas em seu lugar de produção.
- (C) apropriação dos pontos de vista dos sujeitos históricos, autenticados pela variedade de registros, como cartas, ofícios, testamentos.
- (D) intervenção do historiador que elege um rastro do passado, tornado relevante em face do debate contemporâneo.

— QUESTÃO 24 —

Leia o texto a seguir.

Pois os líderes de facções nas várias cidades usavam, em cada lado, nomes atraentes – falando em “igualdade para todos sob a lei” e em “governo sábio e moderado pelos melhores”, e enquanto lisonjeavam o interesse público, na verdade faziam dele o seu prêmio, e usando todos os meios procuravam tirar vantagem uns dos outros e perpetravam as piores atrocidades.

TUCÍDIDES. História da Guerra do Peloponeso. Apud DOBRORUKA, V. *Historiografia helenística em roupagem judaica: Flávio Josefo, história e teologia*. In: JOLY, F. D. (Org.) *História e retórica. Ensaios sobre historiografia antiga*. São Paulo: Alameda, 2007. p. 123. (Adaptado).

Tucídides, historiador grego do século V a.C., comenta sobre a política do seu tempo. Com base na exposição apresentada, conclui-se que Tucídides salienta a degeneração das formas de governo, tais como:

- (A) politeia e oligarquia.
- (B) tirania e meritocracia.
- (C) democracia e monarquia.
- (D) imperialismo e militarismo.

— QUESTÃO 25 —

Leia o texto a seguir.

Moses I. Finley escreve que a guerra do Peloponeso é diferente das outras guerras da Antiguidade porque sua fama não é construída pelo mito e pelo romance, ao contrário, esta guerra perdura na história devido ao homem que a descreveu, Tucídides. Assim como a Guerra de Troia permanece associada ao nome de Homero, a Guerra do Peloponeso depende inteiramente de Tucídides.

GASTAUD, C. Historiografia grega: Tucídides e a Guerra do Peloponeso. *História em Revista*, n. 7, 2001, p. 4. Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/downloads/historia_em_revista_07_Carla_Gastaud.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2013.

O texto apresentado expõe uma análise historiográfica sobre a Guerra do Peloponeso, em que se afirma a relevância dos escritos de Tucídides, os quais

- (A) enaltecem a memória grega e registraram o processo de unificação das cidades gregas de Atenas e Esparta após a conquista do mar Mediterrâneo.
- (B) preservaram a memória da guerra e narraram a oposição das cidades aristocráticas, sob a liderança de Esparta, ao expansionismo de Atenas.
- (C) inauguraram a história militar e expuseram a união entre atenienses e espartanos para defender os territórios gregos da invasão persa.
- (D) fundaram a história oficial e descreveram as disputas entre Esparta e Atenas na conquista do império babilônico.

— QUESTÃO 26 —

Leia o texto a seguir.

Mantenha o controle dos conflitos de acordo com as decisões tomadas junto com os teus conselheiros e que todos os outros cidadãos obedeçam instantaneamente a tuas ordens; tu e os teus colaboradores mantenham sob controle a escolha dos magistrados e que sejas tu a fixares os prêmios e as punições; não te liguês às facções nem te exponhas às rivalidades populares; assim, te colocarás a salvo das guerras perigosas e das ímpias sedições.

DIÃO CÁSSIO. História romana, LII, 15.2-4. Apud GONÇALVES, A. T. M. Imagem, poder e amizade: Dião Cássio e o debate Agripa-Mecenas. In: JOLY, F. D. (Org.) *História e retórica. Ensaios sobre historiografia antiga*. São Paulo: Alameda, 2007. p. 156. (Adaptado).

Dião Cássio, historiador romano do período severiano, utiliza em sua obra o recurso retórico da inserção de discursos de períodos anteriores em seu relato cronológico para enfatizar as reflexões sobre temas do seu próprio tempo, o século III. No texto apresentado, o autor utiliza um discurso atribuído a Mecenas, colaborador de Otávio Augusto, com o intuito de defender uma forma de conduzir o Estado que

- (A) vinculava ao imperador e aos nobres a administração dos assuntos públicos, afastando a tirania.
- (B) exaltava o absolutismo imperial, disfarçando a submissão e o controle efetivo do Senado.
- (C) resgatava a popularidade do Imperador, rejeitando a crescente aristocratização do poder.
- (D) revelava a sacralidade do poder imperial, introduzindo os valores cristãos na vida política.

— QUESTÃO 27 —

Leia o poema a seguir.

A nobreza do homem é o espírito, imagem da divindade,
A nobreza do homem é a linhagem ilustre das virtudes,
A nobreza do homem é o autodomínio,
A nobreza do homem é a promoção dos humildes,
A nobreza do homem são seus direitos naturais,
A nobreza do homem é não temer senão a torpeza.

Poesia goliarda, séc. XII. Apud LE GOFF, J. *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. p. 57. (Adaptado).

Os goliardos são intelectuais errantes do século XII, cujos escritos revelam o contexto do desenvolvimento urbano europeu. O poema apresentado critica a sociedade da época ao exaltar

- (A) a caridade, como fundamento de uma comunidade fraterna.
- (B) a religiosidade, como sustentáculo da sociedade cristã.
- (C) a hereditariedade, como forma de manutenção da vida pública.
- (D) a meritocracia, como base para uma nova ordem social.

— QUESTÃO 28 —

Durante a Baixa Idade Média, a Europa enfrentou períodos de crises econômicas, políticas, religiosas e sociais. Nesse contexto, advieram as fomes do século XV, cuja ocorrência explica-se por sua associação ao processo anterior de

- (A) implementação da estrutura produtiva feudal, que assegurava a subsistência no campo e desprezava as cidades.
- (B) crescimento do comércio com o Oriente, que estimulava a produção de bens de consumo e atraía trabalhadores camponeses para as cidades.
- (C) abandono das técnicas de plantio desenvolvidas na Antiguidade, que limitava a produção de alimentos.
- (D) expansão interna e externa da Cristandade, que provocou o esgotamento do seu sistema econômico.

— QUESTÃO 29 —

Leia o texto a seguir.

Os pobres são despojados, as viúvas gemem, os órfãos são esmagados, a tal ponto que muitos dentre eles refugiam-se entre inimigos. Para não perecer sob a perseguição injusta, vão buscar entre os bárbaros a humanidade dos romanos, porque não podem suportar mais, entre os romanos, a inhumanidade dos bárbaros. E não tem motivo algum para arrependê-lo desse desterro. Porque preferem viver livres sob a aparência de escravidão a serem escravos sob a aparência de liberdade.

SALVIANO. *De Gubernatione Dei*. V. 5. Apud PEDRERO SÁNCHEZ, M. G. *História da Idade Média: textos e testemunhas*. São Paulo: Unesp, 2000. p. 23. (Adaptado).

Em seu tratado, o monge galo-romano Salviano relata os principais acontecimentos de sua época: o saque de Roma no ano 410 e as invasões bárbaras. Com base em seu relato, conclui-se que os problemas do Império Romano decorrem da

- (A) opressão dos romanos em contraposição à indulgência dos bárbaros.
- (B) belicosidade dos bárbaros em contraposição à astúcia dos romanos.
- (C) ignorância dos bárbaros em contraposição à civilidade dos romanos.
- (D) impetuosidade dos romanos em contraposição à indolência dos bárbaros.

— QUESTÃO 30 —

Leia o texto a seguir.

Há duas causas da sífilis, a primeira vem por uma qualidade, específica e oculta, a qual não está sujeita a nenhuma demonstração; pode-se, contudo, atribuí-la à ira de Deus, que permitiu que essa doença caísse sobre o gênero humano para refrear sua lascívia e desregrada concupiscência. A segunda por ter companhia de homem ou de mulher que tenha a dita doença.

PARÉ, A. *Ouvres*. II, p. VII. Apud DELUMEAU, J. *História do medo no Ocidente 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 335.

Ao escrever sobre a sífilis na primeira metade do século XVI, o cirurgião francês Ambroise Paré faz a associação entre doença e religião. Isso ocorre porque o pensamento ocidental do início da modernidade

- (A) preservava a herança medieval, marcada pelo obscurantismo e pelas práticas mágicas.
- (B) rejeitava o conhecimento médico-científico, acumulado na Antiguidade clássica.
- (C) reforçava a relação entre pecado e castigo divino, presente no Antigo Testamento.
- (D) estigmatizava os doentes, associando as doenças às heresias e ao paganismo.

— QUESTÃO 31 —

Leia os versos a seguir.

Não choramos um rei desaparecido,
Mas o vemos restituído ao céu.
O Augustíssimo Rei D. João V
Não perdeu seu poder, nem a Coroa.
Agora reina
Mais soberanamente ainda sobre nós,
Pois reina no céu.
Conserva ainda sua coroa,
Pois a lança diante do trono de Deus.

Nas *Reaes Exequias* de D. João V. Apud MELLO E SOUZA, L. *Festas barrocas e vida cotidiana em Minas Gerais*. In: JANCSÓ, I.; KANTOR, I. (Org.) *Festa. Cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. V. I. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001. p. 190.

As exéquias do rei de Portugal, D. João V, se realizaram em diversas vilas coloniais entre o final de 1750 e o início de 1751. Escritos nesse contexto, os versos apresentados celebravam

- (A) a monarquia distante e aproximavam rei e vassalos, resguardando-se do prenúncio de crise na colônia em virtude do escasseamento do ouro.
- (B) a abertura dos portos brasileiros às nações amigas e o liberalismo régio, proporcionando o desenvolvimento do comércio colonial.
- (C) a perenidade do poder e acentuavam a dinâmica das relações sociais, denotando a inserção dos valores iluministas na política colonial.
- (D) a morte igualitária e o destino comum que unia reis, vassalos e escravos, acompanhando as teorias abolicionistas coloniais.

— QUESTÃO 32 —

Leia o texto a seguir.

Quase 80 anos depois, "Raízes do Brasil" ainda oferece um instrumental crítico para entender o país. O livro diagnostica na cordialidade o traço definidor da nossa cultura e, no seu agente mais famoso – o homem cordial – um risco para a construção da vida democrática. Habitado a transpor quase naturalmente a lógica do mundo privado à cena pública, o homem cordial é um personagem inquietante: ele só consegue viver em uma "pólis" caricata, que se coloca a serviço da proteção narcísica dos cidadãos e se mantém desperta por conta do imediatismo emocional de seus membros.

STARLING, Heloísa; SCHWARCZ, Lílian Moritz. Medos privados em lugares públicos. *Folha de S. Paulo* (Ilustríssima), 3 nov. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2013/11/1365607-medos-privados-em-lugares-publicos.shtml>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

O texto apresentado afirma a atualidade do argumento central de *Raízes do Brasil*, que relaciona a cordialidade com a debilidade democrática. Essa relação constitui-se por meio da

- (A) compreensão dos agentes sobre o universo público, que toma o Estado como o locus da ação política, distinta da ambiência familiar.
- (B) organização burocrática, que inviabiliza o acesso aos direitos comuns aos cidadãos integrados em uma comunidade nacional.
- (C) apropriação de princípios abstratos para regular a cena pública, que elege como meritória a capacidade individual dos cidadãos.
- (D) instituição de uma sociabilidade afetiva aparente, que busca a realização do interesse individual contrário à ordenação coletiva.

— QUESTÃO 33 —

Leia os textos a seguir.

A presteza com que o Estado espanhol – eliminando ambições de colonos, infidelidades de ouvidores e rivalidades de toda índole – recria as novas possessões à imagem e semelhança da metrópole é tão assombrosa como a solidez do edifício social que constrói. A sociedade colonial é uma ordem feita para durar.

PAZ, Octávio. Conquista e colônia. In: *O labirinto da solidão e post scriptum*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 93

Mas não é preciso ir tão longe na história e na geografia. Em nosso próprio continente a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: por uma aplicação insistente em assegurar o predomínio militar, econômico e político da metrópole sobre as terras conquistadas, mediante a criação de grandes núcleos de povoação estáveis e bem ordenados.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. O sementeiro e o ladrilhador. In: *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 95-96.

Entre as décadas de 1930 e 1950, Sérgio Buarque de Holanda e Octávio Paz responsabilizaram-se pela escrita de ensaios, cuja pretensão era desvendar a singularidade cultural de suas ambiências nacionais. Diante do exposto e comparando os textos, conclui-se que o olhar dirigido ao passado colonial revela a

- (A) aproximação entre os modelos colonizadores ibéricos, cuja intervenção buscou estabelecer uma ordem colonial que sustentasse a metrópole.
- (B) associação entre o determinismo geográfico e a história, cuja consequência foi uma organização política débil em virtude do ambiente inóspito.
- (C) afirmação do atraso político português, cujo resultado foi a incapacidade de fixar o imaginário de um império uno, tal como o espanhol.
- (D) fundação espanhola de uma ordem integrada, cuja sustentação eram determinações reais jurídicas e políticas restritivas ao poder da elite local.

— QUESTÃO 34 —

Analise a imagem e leia o texto a seguir.



SILVA, Oscar Pereira da. *Desembarque de Cabral em Porto Seguro*. Museu Paulista. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo01/desc_brasil.html>. Acesso em: 14 nov. 2013.

Em geral, nas escolas brasileiras de educação básica, os índios recebem alguma atenção somente no mês de abril, quando é comemorado o Dia do Índio, no dia 19. Nos livros didáticos, os verbos que se referem a eles invariavelmente se encontram no pretérito e, normalmente, lhes é reservado um espaço no “cenário do Descobrimento”. Outro equívoco é pensar que os índios do tempo de Cabral são mais legítimos do que os nossos contemporâneos. O resultado é um jeito deformado de enxergar os índios, considerando que o fato de usarem celulares, aparelhos de televisão ou computador os torna menos índios, já que foram aculturados.

SILVA, Giovani José da. Todo dia é dia de índio. *História. Revista da Biblioteca Nacional*. Ano 7, n. 82, jul. 2012, p. 77-78. (Adaptado).

A pintura é utilizada recorrentemente nos livros didáticos, enquanto o texto é uma crítica à exploração da imagem dos indígenas. Analisando conjuntamente a imagem e o texto, conclui-se que a relação entre a história e o livro didático

- (A) fixa uma memória sobre o passado que orienta as ações do presente, alijando a cidadania das populações indígenas na medida em que as apresenta como culturalmente imóveis e sujeitadas.
- (B) reproduz a pluralidade de correntes historiográficas emergentes no espaço acadêmico, utilizando pintura histórica para ilustrar a veracidade dos acontecimentos passados.
- (C) dissemina as orientações educacionais mediadas pelos parâmetros curriculares, destacando a diversidade étnica das populações nativas que se depararam com os portugueses há cinco séculos.
- (D) determina os conteúdos por meio da síntese histórica, reforçando a permanência da cultura indígena em diversos contextos históricos, a despeito da ação colonizadora que introduziu costumes europeus.

— QUESTÃO 35 —

Leia o texto a seguir.

Foi até uma enseada no interior da foz do porto. Ali havia uma encosta de pedras e penhascos feito cabo, sendo que ao pé era muito fundo, e tinha um lugar ou recanto onde caberiam seis navios sem âncoras, que nem uma sala. Voltando à nave, encontrou os índios que levava consigo pescando caracóis imensos, e fez a tripulação mergulhar para ver se achavam madrepérolas, que são as ostras onde se criam pérolas, e achavam várias, mas não pérolas, e atribuiu isso ao fato de ainda não ser tempo, o que, segundo ele, acontecia por volta de maio e junho. Acharam um animal que parecia cágado ou tartaruga. Pescaram também com redes e encontraram um peixe, entre outros, que se assemelhava a um verdadeiro porco.

COLOMBO, Cristóvão. *Diários da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento*. 5. ed. Porto Alegre: L&PM, 1991. p. 62. (Adaptado).

O diário de Cristóvão Colombo é uma pista fundamental para que se compreenda a forma pela qual se processou o encontro entre europeus e nativos, uma vez que, nesse relato, o autor recorre à

- (A) literatura romântica europeia para preencher as lacunas do escrito, resguardando o caráter singular do que era observado e registrado.
- (B) comparação para classificar o exótico no interior das referências do Velho Mundo, estabelecendo hierarquizações.
- (C) sabedoria nativa para reformular os pressupostos científicos europeus, desejando superar a herança do pensamento mágico medieval.
- (D) linguagem rebuscada e barroca, considerando que os seus primeiros leitores seriam os representantes da Coroa Portuguesa.

— QUESTÃO 36 —

Leia o texto a seguir.

Não parece ser muito acertado, o tolerar que pelas ruas e terreiros da cidade façam multidões de negros, de um e outro sexo, os seus batuques bárbaros a toque de muitos e horrorosos atabaques, dançando desonestamente e cantando canções gentílicas, falando línguas diversas e isso com alaridos tão horrendos e dissonantes que causam medo e estranheza ainda aos mais afoitos, na ponderação de consequências que dali podem provir, atendendo ao número de escravos que há na Bahia.

VILHENA, Santos. L. A. Bahia no século XVIII. Apud REIS, J. J. Batuque negro. In: JANCSÓ, I.; KANTOR, I. (Org.) *Festa. Cultura e sociabilidade na América portuguesa*. V. I. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001. p. 345. (Adaptado).

O texto apresentado traz as observações de Santos Vilhena, professor de grego em Salvador no século XVIII, sobre a cidade onde vivia. Suas observações apresentam uma preocupação que

- (A) renunciava a instauração de desordem pública em composição com uma rebelião escrava naquela ambiência.
- (B) salientava a rusticidade das manifestações africanas em contraposição à erudição da cultura europeia.
- (C) demonstrava a balbúrdia dos ritos africanos em comparação à contenção dos ritos cristãos.
- (D) destacava a predominância de negros em relação aos brancos na população urbana.

— QUESTÃO 37 —

Leia o texto a seguir.

Quando Machado de Assis morreu, José Veríssimo escreveu um artigo em sua homenagem. Veríssimo violou uma convenção social e referiu-se a Machado como o mulato Machado de Assis. Joaquim Nabuco, que leu o artigo, recomendou a supressão da palavra, insistindo que Machado não teria gostado dela. “Seu artigo no jornal está bellissimo” – escreveu a Veríssimo – “mas essa frase causou-me arrepio: Mulato, foi de fato grego da melhor época”. Rogo-lhe para que tire isso. A palavra não é literária, é pejorativa, basta ver-lhe a etimologia. O Machado para mim era um branco e creio que por tal se tomava.

COSTA, Emília Viotti da. O mito da democracia racial no Brasil. In: *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Editora UNESP, 1999. p. 376. (Adaptado).

O fragmento apresentado serve à historiadora Emília Viotti para exemplificar o cotidiano que referendava o mito da democracia racial brasileira, pois expõe a

- (A) promoção da integração racial, que estabelecia um tipo de organização social fundamentada no conceito hierárquico.
- (B) imobilidade social das camadas populares, que se viam atreladas à conservação da cultura escravista.
- (C) excepcionalidade da elite letrada, que era reconhecida no interior da cultura bacharelesca do período.
- (D) mestiçagem, que era criticada por ser sintoma decorrente da degeneração da raça brasileira.

— QUESTÃO 38 —

Leia os cartazes a seguir.



CARTAZES DO DIP, 1943. Disponível em: <<http://novahistorianet.blogspot.com.br/2009/01/era-vargas.html>>. Acesso em: 21 nov. 2013.

Elaborados na década de 1940, os cartazes apresentam uma linguagem direta, com o objetivo de sedimentar um dos pilares do regime varguista. Tal sedimentação é baseada na associação construída entre Vargas e as classes trabalhadoras e decorria da ação

- (A) paternalista do presidente, invocada para a disciplina- rização dos trabalhadores.
- (B) integradora dos trabalhadores, convocados para participar da Marcha para o Oeste.
- (C) nacional-desenvolvimentista dos operários, conside- rados como agentes da transformação do Brasil em potência americana.
- (D) fundadora dos sindicatos, tornados espaços voltados para a educação dos trabalhadores.

— QUESTÃO 39 —

Leia o texto a seguir.

Embora algumas donas de casa já tivessem fogão a gás, sinal de bom gosto e prestígio da família, este permanecia encostado, enquanto no uso diário acendia-se o fogão à lenha ou a carvão e a espiriteira. A cozinha higienizada, veiculada pelas revistas desde as primeiras décadas do século, com ladrilho, paineleiro repleto de painéis de alumínio reluzentes, fogão elétrico ou a gás, mesa, pia com água encanada, boa iluminação comandada por uma cozinheira branca, com avental impecável, bem vestida de sapatos de salto alto, elaborando pratos tão complicados e sofisticados como o *Foie Gras* à brasileira, acabou por apagar das nossas memórias suas antigas configurações e funções.

MALUF, M.; MOTT, M. L. Recônditos do mundo feminino. Apud PINTO JÚNIOR, R. A. Da arte como civilização e outras lições da Renascença brasileira: Ricardo Severo e a arte tradicional no Brasil. *História Revista*, v. 16, n. 1, 2011, p. 211-229; p. 219-220.

O texto revela transformações do espaço doméstico no Brasil do início do século XX. A respeito dessas transformações, conclui-se que

- (A) a migração de europeus forneceu às famílias da elite brasileira uma mão de obra doméstica capaz de alcançar o ideal de higiene e civilidade europeia.
- (B) o desenvolvimento econômico e a introdução dos eletrodomésticos nas casas brasileiras facilitaram a vida das mulheres, promovendo a sua ascensão social.
- (C) a modernização do ambiente doméstico colocou a dona de casa no espaço que era reservado aos escravos e empregados, modificando a imagem da cozinha patriarcal.
- (D) a emancipação feminina colocou a mulher no mercado de trabalho sem livrá-la de suas funções domésticas, conjugando modernidade e tradição em sua imagem.

— QUESTÃO 40 —

Leia o texto a seguir.

ESTA SERÁ A SUA

MELHOR EMPREGADA



A época é de muitos problemas. Entre eles, o problema da empregada. Geralmente, elas não se demoram nos empregos. Quem tem duas é como se tivesse uma, quem tem uma, às vezes, é como se não tivesse nenhuma. Mas a enceradeira elétrica Epel é a sua nova empregada, dócil e útil, que todos os dias deixa a casa bonita como um brinco. Econômica, discreta, trabalhadeira, pontual, ela está sempre à disposição das donas de casa, prestando-lhes os maiores serviços na limpeza e embelezamento dos salões.



A ENCERADEIRA ELÉTRICA EPEL é indispensável a todas as boas donas de casa.

ECONÔMICA - PRÁTICA - LEVE
EFICIENTE - ACABAMENTO PERFEITO

A MARCA QUE RESPONDE PELA
EFICIÊNCIA DOS SEUS PRODUTOS
GARANTIDA PELA FÁBRICA.

INDÚSTRIAS REUNIDAS INDIAN EPEL LTDA.
LARGO SÃO BENTO, 20 • FONE 3-1724

PROPAGANDA DA ENCERADEIRA EPEL. Disponível em:
<<http://blogs.estadao.com.br/reclames-do-estadao/tag/enceradeira/>> Acesso em: 18 nov. 2013.

Publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, na década de 1940, a propaganda descreve o trabalho doméstico, revelando uma concepção sobre o trabalho daquele período. Essa concepção parte do princípio de que as classes médias urbanas, potenciais consumidoras de eletrodomésticos,

- (A) incorporavam em sua rede familiar a trabalhadora doméstica com a oferta de pernoite no emprego, aludindo à sobrevivência da cultura escravista.
- (B) defendiam a jornada parcial para o trabalho doméstico, objetivando equilibrar a economia da casa, sem desprezar as conquistas da C.L.T.
- (C) valorizavam a submissão de suas funcionárias, reforçando a determinação para a disciplina em oposição ao ócio.
- (D) associavam o crescimento industrial ao desenvolvimento econômico, apoiando o ensino técnico para preparar os trabalhadores para o mercado.

— QUESTÃO 41 —

Leia os versos a seguir.

A mão que toca um violão/ se for preciso faz a guerra/ mata o mundo, fere a terra/ A voz que canta uma canção/ se for preciso canta um hino/ louva a morte/ Viola em noite enluarada/ no sertão é como espada/ esperança de vingança/ O mesmo pé que dança um samba/ se preciso vai à luta/ Capoeira/ Quem tem de noite a companheira/ sabe que a paz é passageira/ Pra defendê-la se levanta/ E grita: Eu vou!/ Mão, violão, canção, espada e viola enluarada/ pelo campo e cidade/ Porta bandeira, capoeira/ desfilando vão cantando/ Liberdade!

VALLE, Marcos; VALLE, Paulo Sérgio. Viola enluarada. *Viola enluarada*, (1968).

A canção “Viola enluarada”, dos irmãos Marcos Valle e Paulo Sérgio Valle, foi lançada no ano de 1968 e trata-se de uma composição engajada que

- (A) instigava a revolução, enfatizando a identidade entre os artistas e o povo, durante o governo de Costa e Silva, quando foi decretado o AI-5 para controlar a oposição ao regime militar.
- (B) estimulava os movimentos sindicais, salientando os atos violentos, ocorridos durante o governo Médici, e silenciados em virtude da empolgação das classes médias com o “milagre econômico”.
- (C) incitava os conflitos no campo, promovendo a simbologia camponesa durante o governo Geisel, quando foi anunciada a abertura política lenta, gradual e segura do país.
- (D) conclamava ao protesto artístico, destacando as raízes culturais brasileiras, durante o governo Figueiredo, quando começa a acelerar o processo de redemocratização no país.

— QUESTÃO 42 —

Leia o texto a seguir.

Mas, a rodovia já perfurou a linha, e aquele imenso e largo corte na floresta não se fechará mais. O cimento esteriliza a fecundidade desumana da selva tropical. Por ali passarão as divisões blindadas do progresso, os caminhões de Manaus e de Belém a caminho do centro geo-econômico do país. Quero ver o mundão de árvores arrancadas: mitos e totens zangando de raiva na sua impotência. Quero ver o Brasil derrotar o Currupira e tomar conta do que havia quase esquecido que lhe pertencia. Quero me vingar dos meus terrores no rio, do estrondo das terras caídas, da presença pressentida do inimigo invisível.

A linha Currupira. O Globo. 23 jan. 1959, p. 66. Apud DUTRA E SILVA, S. No caminho, um jatobá. In: FRANCO, J. L. et al. *História ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 165.

Ao noticiar a inauguração da rodovia Belém-Brasília, o texto apresentado estabelece a contraposição entre mitos sobre a natureza e mitos modernizantes. Os mitos modernizantes são identificados com a

- (A) grandeza nacional, territorialidade e expansão de fronteiras, durante o período de Juscelino Kubitschek.
- (B) emancipação regional, interiorização e trabalhismo, durante o período de Getúlio Vargas.
- (C) democratização, organização espacial e valorização do folclore, durante o período de João Goulart.
- (D) dominação territorial, popularização da política e brasilidade, durante o período de Jânio Quadros.

— QUESTÃO 43 —

Analise a imagem e leia o texto a seguir.



Fotografia das Cavalhadas. Disponível em: <http://www.pirenopolis.tur.br/portal/public/images/folclore/divino2006/thumbs/250X188_2006_05_12%20107.jpg>. Acesso em: 15 out. 2013.

Introduzida em Pirenópolis em 1826, pelo Padre Manuel Amâncio da Luz, como um espetáculo chamado de "O Batalhão de Carlos Magno". Pirenópolis manteve forte esta tradição, uma porque os primeiros colonizadores desta antiga cidade mineradora eram, em sua maioria, portugueses oriundos do norte de Portugal, local onde mais se resistiu à invasão moura, outra porque o caráter centralizador da população dominante viu com bons olhos o efeito separatista entre as classes sociais. Porém o que mais motiva a população a manter viva a infundável rixa entre muçulmanos e cristãos é a beleza do espetáculo e o prazer pela montaria.

Texto de divulgação. Disponível em: <<http://www.pirenopolis.tur.br/cultura/folclore/festa-do-divino/cavalhadas>>. Acesso em: 15 out. 2013.

A imagem e o texto referem-se às Cavalhadas de Pirenópolis, considerada uma das mais expressivas do Brasil. A introdução e manutenção da festa, no interior goiano, explica-se pelo processo de

- (A) imposição da tradição cristã europeia na América.
- (B) ressignificação de práticas culturais luso-brasileiras.
- (C) aculturação das áreas periféricas coloniais.
- (D) afirmação da superioridade da cultura imperial.

— QUESTÃO 44 —

Leia o texto a seguir.

A ocupação do vasto araxá do Brasil-Central é um convite à independência econômica; à quebra da tutela secular; à marcha para a liberdade e para a felicidade, porque, todos os que se transferirem para o interior, ficarão ricos, sem nenhum esforço, como aconteceu em Goiânia, onde os que tiveram fé e confiança, unicamente com a valorização da terra, acham-se milionários. Este é um convite do Oeste para a fortuna, para a abastança, para a quebra dos grilhões do subdesenvolvimento. Ave, pois, Brasília! Sejam bem-vindos, todos os que acreditam em um Brasil grande, poderoso, prestigioso e livre, que já está vivendo por si mesmo, e que dentro de cinco anos terá progredido.

ARTIAGA, Z. Salve Brasília! Apud OLIVEIRA, E. C. A realidade da ficção: representações da cidade de Goiânia nos contos literários e poemas. *História Revista*, v. 17, n.1, 2012, p. 143-164, p. 146. (Adaptado).

O texto de Zoroastro Artiaga integra um *Número Comemorativo da Mudança da Capital para o Planalto Central de Goiás*, publicado em 1960, pela Academia Goiana de Letras. Esse texto revela uma visão comum à época, segundo a qual a construção de Brasília representaria

- (A) o ápice do crescimento econômico do Centro-Oeste brasileiro, implicando no crescimento das contradições socioespaciais.
- (B) o início da modernização da economia brasileira, rompendo com as formas tradicionais mantidas pela elite cafeeira de São Paulo.
- (C) a última etapa da ocupação das regiões interioranas do Brasil, abrindo frentes de trabalho para a população local.
- (D) a parte final da Marcha para o Oeste iniciada com a construção de Goiânia, trazendo modernidade e progresso para o Brasil.

— QUESTÃO 45 —

Analise a imagem a seguir.



SIQUEIROS, David Alfaro. *Do Porfirismo à Revolução – O Povo em Armas* (detalhe), 1966. Sala XIII. Museu Nacional de História – Cidade do México.

A imagem apresentada remete à Revolução Mexicana, expressando uma perspectiva da revolução que seria traduzida pelo patrimônio cultural mexicano do século XX. Ao contar visualmente uma história sobre a revolução, o detalhe do mural de Siqueiros demonstra que a nação fundada, a partir de 1910,

- (A) apropriou-se do passado pré-hispânico e das tradições indígenas para fixar os símbolos identitários do México.
- (B) estabeleceu o convívio com as tradições da fronteira para incorporar ao coletivo nacional os latinos influenciados pela cultura norte-americana.
- (C) aproximou-se da estética moderna europeia para associar as mudanças do cenário mexicano às transformações ocorridas em outras nações.
- (D) valorizou a herança colonial espanhola para fundar a ideia de uma comunidade mexicana mestiça.

— QUESTÃO 46 —

Analise a imagem a seguir.



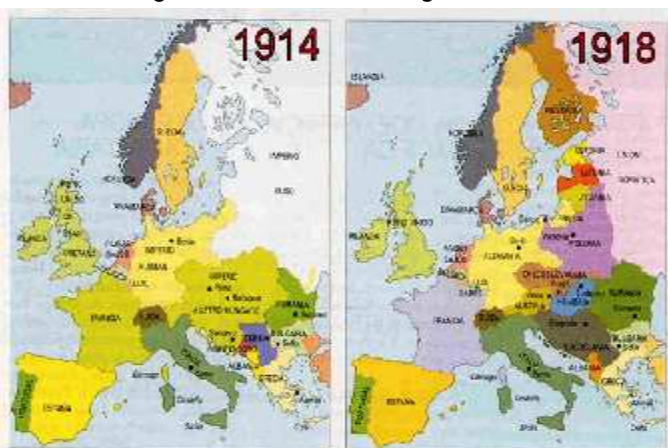
DIX, Otto. Rua Prager, 1920, Óleo sobre tela. In: BORTULUCCE, Vanessa Beatriz. *Rússia e Alemanha: a arte dos regimes totalitários no século XX*. São Paulo: Anablume, FAPESP, 2008. p. 37.

A imagem é um exemplo do Novo Objetivismo, uma corrente artística que emergiu na Alemanha, após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Considerando esse contexto, conclui-se que

- (A) os homens mutilados que dominam a cena da pintura representam uma vívida memória do conflito e sua desumanização, expondo o incômodo da sociedade alemã com as políticas adotadas pela República de Weimar.
- (B) a vitrine que deixa à mostra pedaços do corpo humano remete à exploração do corpo fragmentado, demonstrando a influência surrealista na pintura alemã voltada à crítica social.
- (C) a cena retratada objetiva explorar a desordem urbana, contribuindo para reforçar o princípio nazista, segundo o qual a raça alemã pura degenerava-se na ambiência das metrópoles.
- (D) as figuras femininas, expostas no fundo da pintura, aludem à busca pelo prazer imediato, expondo uma nação desinteressada quanto aos rumos impostos pela assinatura do Tratado de Versalhes.

— QUESTÃO 47 —

Analise a imagem e leia o texto a seguir.



Mapa europeu, 1914-1918. Disponível em: <<http://rhistoriandoz.blogspot.com.br/2012/05/texto-11-terceiros-anos.html>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

A guerra pôs em perigo toda a vida da Europa. Uma grande parte do continente jazia doente e moribunda. Cabia à Conferência de Paz honrar os compromissos e satisfazer os reclamos da justiça; mas cabia-lhe igualmente restabelecer a vida na Europa e curar suas feridas. Em primeiro lugar, Clemenceau adotava a interpretação da psicologia alemã segundo a qual os alemães só compreendem e só podem compreender a intimidação; que a negociação não tem qualquer remorso ou generosidade; que não há vantagem que não aproveitem; que em busca de ganho nada de mais vil deixarão de fazer; que não conhecem honra, orgulho ou piedade. Por isso, nunca se pode negociar com um alemão ou conciliar com ele.

KEYNES, John Maynard. *As consequências econômicas da paz*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002. p. 16-20. (Adaptado).

Em conjunto, os mapas e as ideias de John Maynard Keynes explicitam o desentendimento entre nações partícipes da Primeira Guerra, cujo resultado orientou cláusulas do Tratado de Versalhes, assinado em 1919. A crítica de Keynes remete à manutenção de uma Europa instável, uma vez que

- (A) a nação alemã, fiadora da *Realpolitik*, foi punida com perdas territoriais e com veto à participação na Conferência de Paz.
- (B) os impérios Austro-Húngaro e Turco-Otomano deram origem a repúblicas que afastaram territorialmente a União Soviética do Ocidente.
- (C) as colônias africanas, pertencentes à Itália, foram divididas entre França e Inglaterra como castigo pelo apoio italiano à Alemanha.
- (D) os Estados Unidos, desconhecedores da política europeia, impuseram a criação do corredor polonês para afastar Alemanha e URSS.

— QUESTÃO 48 —

Analise o cartaz a seguir.



Tradução: Avante aos novos sucessos do trabalho e do estudo. Cartaz socialista. Disponível em: <<http://o-animal-politico.blogspot.com.-br/2011/08/cartazes-sovieticos.html>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

O cartaz é um exemplo da estética realista, empregada na União Soviética desde o final dos anos de 1920. Suas informações verbais e não verbais demonstram que o fundamento da arte realista encontrava-se na defesa

- (A) da raça eslava, destacando jovens robustos e de pele clara envolvidos em ações revolucionárias como expressão das aplicações científicas das proposições mendelianas.
- (B) das teses leninistas, destacando a imagem de Lênin como meio de resguardar o projeto bolchevique que se mantinha como condutor das mudanças políticas empreendidas.
- (C) das relações entre as repúblicas socialistas russas e o Ocidente, destacando a educação dos soviéticos como um meio para a crítica dos princípios apolíticos e burgueses da Europa.
- (D) da interpretação oficial do Partido Comunista sobre a Revolução, destacando a educação dos trabalhadores como tarefa para a transformação ideológica.

— QUESTÃO 49 —

Leia os textos a seguir.

O imenso Império do Oriente está prestes a ruir. O fim do domínio judaico na Rússia será também o fim da Rússia como Estado. Fomos escolhidos pelo destino para sermos testemunhas de uma catástrofe que será a mais formidável confirmação da verdade da teoria racial.

HITLER, Adolf. Orientação para Leste ou política de Leste. In: *Minha luta*. São Paulo: Centauro, 2001. p. 484.

Para os nazistas, matar judeus, ciganos ou doentes considerados incuráveis era como extirpar um câncer de um corpo são. Para o nazismo, a medicina deveria se ocupar da higiene racial, da pureza étnica, e não dos indivíduos. Os nazistas se viam, portanto, como agentes biológicos que intervinham em um processo histórico-natural para abreviar um fim que se imporia pela lógica da história, que daria a vitória aos arianos.

CYTRYNOWICZ, R. Loucura coletiva ou desvio da história: a dificuldade de interpretar o nazismo. In: COGGIOLA, Osvaldo. *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*. São Paulo: Xamã, 1995. p. 217.

O documento e a análise historiográfica apresentados são indicadores da concepção que orienta o nazismo, cuja

- (A) permanência da luta darwinista encaminha a uma visão teleológica de história, legitimando os meios, o genocídio e em nome do fim, a limpeza racial.
- (B) manutenção do espaço vital visa garantir o equilíbrio entre nações, tornando a guerra no Leste uma estratégia para a sobrevivência europeia.
- (C) adesão ao cientificismo objetiva controlar as populações, estabelecendo uma intervenção biológica cirúrgica nas regiões orientais.
- (D) especialização do extermínio dissociou-se da organização burocrática, objetivando isentar os funcionários do Estado da prática eugênica.

— QUESTÃO 50 —

Leia o texto a seguir.

A Europa, entre o Atlântico, a Ásia e a África, existe há muito tempo, desenhada pela geografia, modelada pela história, desde que os gregos puseram esse nome que perdura até a atualidade. O futuro deve basear-se nessa herança que, desde a Antiguidade, inclusive desde a pré-história, tem convertido a Europa num mundo de riqueza excepcional, de extraordinária criatividade em sua unidade e diversidade.

LE GOFF, J. Prefácio. In: FONTANA, J. *A Europa diante do espelho*. Bauru, SP: Edusc, 2005. p. 7.

No prefácio à obra de Josep Fontana, o historiador francês Jacques Le Goff destaca o resgate do passado como meio de

- (A) modelar o presente europeu, de acordo com os padrões greco-romanos.
- (B) construir uma nova identidade europeia, baseada na unidade étnica.
- (C) afirmar a superioridade europeia, sustentada por sua antiguidade.
- (D) edificar a identidade europeia, marcada pela pluralidade cultural.

REDAÇÃO

Instruções

Você deve desenvolver seu texto em um dos gêneros apresentados nas propostas de redação. O tema é único para as duas propostas. O texto deve ser redigido em prosa. A fuga do tema ou cópia da coletânea anula a redação. A leitura da coletânea é obrigatória. Ao utilizá-la, você não deve copiar trechos ou frases. Quando for necessária, a transcrição deve estar a serviço do seu texto. Independentemente do gênero escolhido, o seu texto **NÃO** deve ser assinado.

Tema:

Impactos das avaliações externas no trabalho pedagógico dos professores

Coletânea

1.



Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/blog/isto-da-certo/categoria/pedagogia/>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

2. Avaliações educacionais

Tory Oliveira

Provinha Brasil, Prova Brasil, Saeb, Enem. A trajetória dos alunos das escolas públicas pela Educação Básica é marcada hoje pela participação em uma série de siglas ligadas a avaliações que, em larga escala, foram desenhadas com o objetivo de aferir seus conhecimentos em algumas disciplinas e realizar um diagnóstico da qualidade do ensino oferecido pela instituição ou rede responsável por sua formação. Criadas em meados dos anos 80 e 90 visando melhorar o gerenciamento do sistema educacional brasileiro, os resultados das avaliações hoje extrapolaram os muros da escola e chegaram à opinião pública, estampados nas páginas dos jornais.

No entanto, as siglas que denominam as avaliações educacionais brasileiras escondem polêmicas e discussões sobre seu real efeito dentro das secretarias de educação e das escolas. Especialistas concordam que as avaliações funcionam como um termômetro, uma evidência do que está acontecendo dentro dos sistemas de ensino, mas alertam que as informações trazidas por elas nem sempre chegam às mãos de gestores, diretores e professores e, quando chegam, raramente são incorporadas às práticas pedagógicas. A interpretação e os usos desses resultados pelos governos e pela imprensa, em geral focalizados no desempenho e na posição do ranking de cada escola ou rede, também são motivos de controvérsia.

As avaliações passaram a chamar mais atenção a partir da criação do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), em 2007. Calculado com base no desempenho dos estudantes do 5º e do 9º ano, do Ensino Fundamental na Prova Brasil, e nas taxas de aprovação, o Ideb intensificou a visibilidade pública dos resultados obtidos pelas redes e escolas. “Antigamente, a comunidade externa pouco pensava sobre a avaliação da qualidade da educação nacional”, lembra Isabelle Fiorelli, professora da Universidade Estadual de Londrina (UEL) na área de política e gestão da educação. Em alguns casos, o resultado de uma escola no índice passou a ser encarado como um retrato da qualidade de ensino ofertado pela instituição. Na esteira da intensificação e valorização das avaliações nacionais, muitos estados e municípios passaram a produzir seus sistemas avaliativos. Em São Paulo, alunos dos Ensinos Fundamental e Médio participam do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp), desde 1996. Em Minas Gerais, os alunos são avaliados pelo Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública (Simave). Já no Rio Grande do Sul, os estudantes são avaliados pelo Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Rio Grande do Sul (Saers). Em meio a tantas avaliações, em qual medida os resultados obtidos vêm sendo aproveitados pelos gestores e professores de modo a contribuir para a revisão e formulação de políticas públicas da educação?

A resposta varia de acordo com cada sistema de ensino ou local. Como a gestão da Educação Básica é descentralizada, os mesmos resultados são aproveitados de maneira distinta por estados e municípios. “Alguns utilizam os resultados de forma economicista e meritocrática enfaticamente, outros estão meio perdidos, e outros avançaram no sentido de utilizá-lo como termômetro na redefinição da política de seu sistema de ensino”, aponta Isabelle.

Apesar da diversidade, a contribuição efetiva das avaliações na busca da qualidade de ensino tem sido, em geral, muito restrita.

Para Adriana Bauer, professora da Faculdade de Educação da USP e pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, não é possível generalizar os efeitos das avaliações na educação brasileira. “Um sistema de avaliação consolidado, como o de São Paulo, tem mais condições de fazer uso desses resultados, em relação a um com menos tradição”, exemplifica.

Os usos e o entendimento dos resultados de avaliações como a Prova Brasil pela escola esbarra em algumas questões espinhosas, como a pressa em classificar e comparar o desempenho das instituições de ensino.

A entrada das escolas na corrida pelo ranqueamento, de maneira desenfreada e pouco crítica, é uma das razões da dificuldade de apropriação dos resultados das avaliações, aponta Isabelle Fiorelli. “As escolas tomam para si toda a responsabilidade por seu fracasso ou sucesso”, observa ela.

Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/carta-fundamental>>. Acesso em: 11 nov. 2013. (Adaptado).

3. A avaliação dos estudantes no início do Ensino Fundamental

Carolina Vilaverde

A avaliação dos estudantes logo no início do Ensino Fundamental é uma ferramenta para que os profissionais da Educação possam intervir e ajudar as crianças a adquirirem as habilidades esperadas. “Os dados têm indicado que as crianças são capazes, desde muito cedo, de aprender a ler e a escrever [...]. É necessário, assim, avaliar mais precocemente a fim de que se possa intervir, também, mais precocemente”, aponta a professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Gladys Rocha.

Segundo ela, os resultados das avaliações devem ser um instrumento na mão dos professores e gestores: “A avaliação pode, efetivamente, converter-se em um instrumento a serviço da escola, dos professores e, sobretudo, da aprendizagem dos alunos”, diz.

Leia abaixo a entrevista que a educadora concedeu a C. Vilaverde.

C. V. - Qual a importância de avaliar a alfabetização das crianças?

Gladys Rocha - Avaliar a alfabetização é importante porque permite, por um lado, identificar os níveis de aprendizagem dos alunos e, por outro, ao identificar esses níveis é possível ter subsídios para definir metas para o ensino. Um outro aspecto refere-se ao fato de que os dados têm indicado que as crianças são capazes, desde muito cedo, de aprender a ler e a escrever, o que ajuda a desmistificar a ideia de que sujeitos, em função de realidades contextuais desfavoráveis, não tenham essa capacidade. É necessário, assim, avaliar mais precocemente a fim de que se possa intervir, também, mais precocemente.

C. V. - Qual o efeito de avaliar a alfabetização para as escolas? E dentro da sala de aula? E para o aprendizado dos alunos?

Gladys - Uma das grandes limitações da avaliação externa à escola está na sua recepção pelos professores e demais profissionais da Educação. O mesmo se observa, em graus diferenciados, em relação às avaliações da alfabetização. No entanto, quando bem analisados e devidamente trabalhados com gestores do ensino e da Educação, os dados permitem identificar diferentes níveis de aprendizagem de leitura e mesmo de escrita.

Com esses dados, os profissionais envolvidos têm a possibilidade de verificar níveis de aprendizagem e, a partir deles, podem construir propostas de trabalho diferenciadas, quer no âmbito da escola, da sala de aula, ou mesmo, de um sistema. Se apropriada dessa forma, a avaliação pode, efetivamente, converter-se em um instrumento a serviço da escola, dos professores e, sobretudo, da aprendizagem dos alunos.

C. V. - Em sua opinião, os brasileiros estão acostumados a avaliar a qualidade da Educação? Qual a importância de se criar uma “cultura de avaliação”?

Gladys - Na escola, muito temos ainda a avançar: não estamos habituados a termos nosso fazer avaliado, e costuma haver reservas. Elas se relacionam a um conjunto de fatores, os modos como os resultados são divulgados, inclusive pela mídia, as expectativas muitas vezes centradas em termos de premiações de escolas, as diferenças estruturais entre escolas e entre turmas de uma mesma escola, a própria falta de cultura com a avaliação externa, entre outros.

Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/noticias/14557/e-necessario-avaliar-mais-cedo-para-melhorar-o-aprendizado-mais-cedo-diz-pesquisadora/>>. Acesso em: 13 nov. 2013. (Adaptado).

4. O quebra-cabeça da avaliação

Beatriz Rey

Há aproximadamente um ano o noticiário internacional registra manifestações incipientes contra avaliações externas, reproduzidas no meio educacional de diversos países. O panorama é sempre o mesmo: professores, indignados com o peso desse tipo de provas e preocupados com o uso feito com os resultados produzidos por elas.

O termo "testes de alto impacto" foi incorporado do inglês (*high-stakes testing*), expressão concebida na década de 80 no meio acadêmico norte-americano para designar avaliações externas que são atreladas a decisões que dizem respeito a alunos, professores e gestores. Em artigo sobre a história do termo, os pesquisadores Sharon Nichols e David Berliner, respectivamente das universidades do Texas e do Arizona, afirmam que as provas que atrelam consequências de gestão educacional a seus resultados "são dramáticas e capazes de mudar vidas". Ao serem tomados como medida única no processo avaliativo, os resultados desses testes podem definir políticas públicas. Outra aplicação possível do termo é para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que passou a ser usado nos processos seletivos das universidades públicas federais. O próprio Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) usa outro termo para definir seus sistemas de testagem: "avalia-

ções em larga escala".

Antes da instituição do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) em 2007, os resultados da Prova Brasil e do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) eram usados apenas para que as redes tivessem um diagnóstico de seus alunos. Depois do Ideb, os usos para as notas passaram a ser diversos – um deles é justamente a prática de fazer *rankings*. "Até então, quem iria se preocupar com a média da Prova Brasil por estado ou município? Passamos de baixo para alto impacto", afirma Francisco Soares, coordenador do Grupo de Avaliação e Medidas Educacionais, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Os professores afirmam que há uma pressão para que façam uma medição única no processo avaliativo dos alunos, quando, na verdade, a qualidade de ensino é fruto de diversos fatores. "A recomendação dos especialistas é que cada aluno possa ser alvo de mais de uma medida, preferencialmente que captem áreas de desenvolvimento diferentes", explica Luiz Carlos de Freitas. É preciso levar em conta, por exemplo, o contexto socioeconômico do estudante. Ou a infraestrutura da própria escola que o atende. Nesse sentido, Freitas constata: não é possível deduzir que há boa qualidade de ensino só porque o aluno tem boa nota em português e matemática.

Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/172/artigo234997-1.asp>>. Acesso em: 13 nov. 2013. (Adaptado).

5. A estratégia de quebrar o termômetro

Reynaldo Fernandes

A cada divulgação de avaliações educacionais universais, como a dos resultados da Prova Brasil e do Ideb, reatua-se o debate sobre os benefícios de fazer tais avaliações e de dar ampla publicidade aos seus resultados. Ainda que as experiências com esses procedimentos proliferem em todo o mundo e diversos estudos apontem que suas vantagens superam seus possíveis defeitos, alguns ainda resistem à idéia.

O Brasil implementou seu sistema federal de avaliação educacional no início dos anos 1990 e conta hoje com um sistema dos mais avançados. A principal medida para acompanhar a educação básica é dada pelo Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), que combina as notas da Prova Brasil com as taxas de aprovação, visando coibir tanto a reprovação indiscriminada para excluir do sistema os alunos de baixo rendimento quanto a prática de aprovar alunos que nada aprenderam para melhorar os indicadores de fluxo.

O Ideb foi, também, utilizado para estabelecer metas por redes e escolas e, assim, propiciar uma movimentação nacional para que até 2021 o Brasil atinja o estágio educacional atual dos países desenvolvidos. Existem críticos sérios das avaliações universais com ampla divulgação de resultados. As principais observações desses críticos estão relacionadas ao fato de o desempenho dos estudantes ser uma medida imperfeita da qualidade da escola.

Sabe-se, por exemplo, que a bagagem cultural dos estudantes é muito importante para o desempenho e, como o perfil dos estudantes varia entre escolas, sistemas de controle social poderiam gerar injustiças e desanimar professores que lidam com público mais carente. E, mais além, se as escolas forem cobradas pelo desempenho dos alunos, poderiam buscar meios inadequados para aumentar o desempenho médio dos estudantes, como excluir aqueles de baixo rendimento ou "estretar" o currículo.

Esses argumentos, ainda que considerados, não invalidam a importância de avaliações universais. Informações relevantes sobre a eficiência de determinada escola podem ser obtidas pela comparação com outras escolas próximas e que tenham público similar. É possível adotar procedimentos para evitar a exclusão de alunos. Por fim, focar o currículo nos conteúdos do exame pode ser positivo, caso o exame se atenha aos conteúdos mais fundamentais. Ademais, há estudos internacionais rigorosos avaliando experiências pioneiras de sistemas de controle social das escolas. Onde tais medidas foram adotadas, o desempenho dos estudantes tendeu a crescer de modo mais acelerado. Esses estudos não mostraram evidências claras de exclusão de estudantes de baixo rendimento.

De qualquer modo, esse é um bom debate a ser travado. Existe, entretanto, um outro tipo de crítico: aquele que não gosta do que as avaliações revelam. Se o resultado de uma avaliação não é do seu agrado, uma estratégia possível é desqualificar tanto a avaliação como os responsáveis por conduzi-las. A estratégia de quebrar o termômetro.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0407200808.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

6.

Nem tudo o que pode ser contado, conta e
nem tudo o que conta, pode ser contado.
Einstein



Disponível em: <<http://www.aepinhel.pt/>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

Propostas de redação

A – Artigo de opinião

O *artigo de opinião* é um gênero do discurso argumentativo que tem a finalidade de expressar o ponto de vista do autor a respeito de um determinado tema. A validade da argumentação é evidenciada pelas justificativas de posições assumidas pelo autor ao apresentar informações e opiniões que se complementam ou se opõem. No texto, predominam sequências expositivo-argumentativas.

Orientando-se pelos textos da coletânea e por experiências vividas no seu cotidiano, elabore um artigo de opinião com o objetivo de ser publicado em um jornal de circulação nacional, posicionando-se sobre o tema “Impactos das avaliações externas no trabalho pedagógico dos professores”. Defenda seu ponto de vista apresentando argumentos que o sustentem e que possam refutar outros pontos de vista.

B – Carta de leitor

De natureza persuasivo-argumentativa, a *carta de leitor* é um gênero discursivo no qual o leitor manifesta sua opinião sobre assuntos publicados em jornal ou revista, dirigindo-se ao editor ou ao autor da matéria publicada. O texto é caracterizado pela construção da imagem do interlocutor e por estratégias de convencimento. Por se tratar de um texto de caráter persuasivo, os argumentos do autor buscam convencer o destinatário a adotar o seu ponto de vista e acatar suas ideias.

Tendo em vista as ideias dos textos da coletânea, escreva uma carta de leitor a uma revista de educação, posicionando-se em relação à declaração de Gladys Rocha (Texto 3) de que, na escola, em termos de avaliação, “muito temos ainda a avançar”. Desenvolva seu texto mediante a exploração do tema “Impactos das avaliações externas no trabalho pedagógico dos professores”. Para construir seus argumentos, relacione dados e fatos que possam convencer o seu interlocutor a acatar o seu ponto de vista. Para escrever sua carta, considere as características interlocutivas próprias desse gênero.

ATENÇÃO

**Você não deve identificar-se, ou seja, você deve assumir o papel de um leitor fictício.
A sua carta NÃO deve ser assinada.**

